



LIÇÃO 09

30 de Agosto de 2026

3º TRIMESTRE 2026

ADULTOS

Coragem para testemunhar: Paulo diante da multidão

Esboço Da Lição 09

Do 3º Trimestre

De 2026

Por Murilo Alencar

DIREITOS AUTORAIS

Este subsídio está protegido por leis de direitos autorais. Todos os direitos sobre o subsídio são reservados. Você não tem permissão para alterar ou vender este subsídio. Nem tem permissão para copiar/reproduzir o conteúdo do subsídio em sites, blogs ou jornais. Qualquer tipo de violação dos direitos autorais estará sujeita a ações legais.

SOBRE O ABRA A JAULA

O **Abra a Jaula** é um projeto de pregação, evangelismo e ensino da palavra de Deus. O abrir a jaula pode ser comparado com a ordenança máxima dada a igreja por Jesus "Ide por todo mundo e pregai o evangelho a toda criatura". Spurgeon disse que o evangelho é como um leão faminto que está enjaulado, de modo que nosso papel não é salvar ninguém, mas abrir a jaula e deixar que o Leão saia e consuma os corações!

Nesse sentido, nos colocamos a disposição, principalmente de Deus, para promover um conteúdo bíblico e pentecostal.

No acervo de vídeos do Abra a Jaula, temos pregações curtas, reflexões bíblicas, pré-aula da Escola Dominical, dicas de pregação com O Pregador e a Pregação e o personagem da bíblia, além de vários projetos que ainda estão para serem colocados em prática, pois estamos em constante crescimento.

É um privilégio muito grande contribuir com seu ministério. Nós gostaríamos de te conhecer melhor e estar mais próximo de você. Faça parte da nossa família, é só clicar nos botões.



Site



Canal



Instagram



Facebook



Twitter



(87) 99808-9816

A IGREJA DOS GENTIOS
Da chamada missionária à consolidação do Evangelho entre os povos

Domingo, 30 de agosto 2026

CORAGEM PARA TESTEMUNHAR: PAULO DIANTE DA MULTIDÃO

Pb. Murilo Alencar ¹

INTRODUÇÃO

Depois de concluir sua terceira viagem missionária, Paulo chegou a Jerusalém sabendo que prisões e tribulações o aguardavam (At 20.22,23). Enquanto participava de um rito de purificação no templo, judeus da Ásia o acusaram de ensinar contra o povo, a Lei e aquele lugar, além de suporem que ele havia introduzido um gentio na área reservada aos judeus. A acusação provocou um tumulto, e Paulo foi espancado até a intervenção dos soldados romanos. Mesmo preso, pediu licença para falar à multidão que havia tentado matá-lo. Sua defesa tornou-se um testemunho do evangelho: ele recordou seu passado, relatou seu encontro com o Cristo ressurreto e apresentou a missão que havia recebido. Preparados? Vamos juntos aprender a Palavra de Deus.

TEXTO ÁUREO

Você será testemunha dele a todos os homens, daquilo que viu e ouviu. (At 22.15, NVI).

Pois você será testemunha dele para dizer a todos aquilo que você tem visto e ouvido. (At 22.15, NTLH).

Depois de narrar seu encontro com Cristo no caminho de Damasco, Paulo recordou as palavras que recebeu de Ananias. O Deus dos seus antepassados o havia escolhido para conhecer sua vontade, ver o Justo e ouvir sua voz (v. 14). Em seguida, Ananias explicou a finalidade daquela revelação: **“Você será testemunha dele diante de todos, das coisas que você tem visto e ouvido”** (v. 15). O versículo apresenta três aspectos do chamado de Paulo.

1. O chamado mudaria o restante de sua vida. A expressão “você será” aponta para a missão que Paulo exerceria dali em diante. O encontro com Cristo marcou o início de uma nova etapa na vida do apóstolo: de perseguir a pregador, missionário e pastor.
2. Cristo seria o assunto de sua mensagem. A expressão “testemunha dele” significa que Paulo deveria testemunhar acerca de Jesus. Ao contar sua conversão, o apóstolo mostraria quem Cristo é e o que havia realizado em sua vida.

¹ Graduado em teologia pela UniCesumar; Tecnólogo em coaching e desenvolvimento humano pela Unopar; pós-graduando em educação cristã e graduando em teologia pela Faculdade Batista do Cariri (FBC); Presbítero na Assembleia de Deus em Pernambuco.

3. O testemunho partiria do que Paulo viu e ouviu. Sua mensagem estava baseada no encontro com o Senhor ressurreto e nas palavras que recebeu dele. Paulo anunciaria aquilo que lhe havia sido revelado.

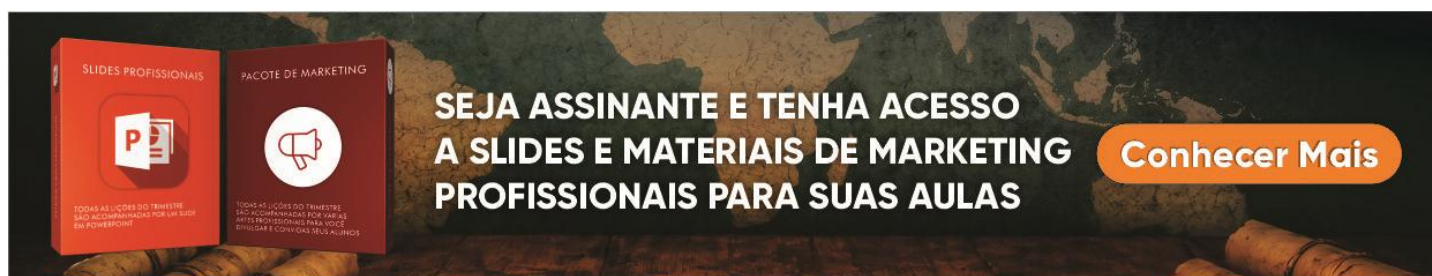
Os verbos empregados por Ananias mostram a progressão do chamado. **Paulo foi escolhido para conhecer a vontade de Deus, ver o Justo, ouvir sua voz e testemunhar diante de todos.** O Cristo que se revelou a Paulo tornou-se o conteúdo de sua mensagem e a razão de sua vida e ministério.

VERDADE PRÁTICA

Todo aquele que teve um encontro real com Cristo é chamado a testemunhar dEle com fidelidade, mesmo em meio à oposição e ao sofrimento.

A Verdade Prática nos leva a refletir sobre três pontos?

1. O que significa ter um encontro real com Cristo? Significa reconhecer Jesus como Senhor, arrepender-se dos pecados, crer no Evangelho e submeter-se à sua vontade. No caminho de Damasco, Paulo perguntou: **“Quem é o Senhor?”** e, depois de ouvir a resposta, quis saber: **“Que farei, Senhor?”** (At 22.8,10). As duas perguntas revelam o que sua conversão produziu: **ele reconheceu quem Jesus era e entregou-lhe o governo de sua vida.**
2. Por que quem encontrou Cristo é chamado a testemunhar? Porque o Senhor inclui os salvos em sua missão. Paulo foi alcançado pela graça e recebeu a ordem de anunciar aquilo que havia visto e ouvido (At 22.14,15). **A mesma relação entre salvação e testemunho pode ser verificada na vocação da Igreja: o Espírito concede poder para testemunhar de Cristo, e o povo resgatado proclama as virtudes daquele que o chamou das trevas para a luz (At 1.8; 1Pe 2.9).**
3. Por que o testemunho fiel encontra oposição e sofrimento? Porque o Evangelho confronta o pecado, denuncia os ídolos e afirma que Jesus é o único Senhor. Muitos rejeitam a mensagem do evangelho porque não desejam abandonar sua autonomia, suas crenças ou seus privilégios (Jo 3.19,20).



SLIDES PROFISSIONAIS

PACOTE DE MARKETING

SEJA ASSINANTE E TENHA ACESSO A SLIDES E MATERIAIS DE MARKETING PROFISSIONAIS PARA SUAS AULAS

Conhecer Mais

1. A PRISÃO DE PAULO EM JERUSALÉM

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

1.1 A conspiração dos judeus e a falsa acusação de profanação do templo (At 21.27-30).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Ao ser visto no templo, Paulo foi violentamente atacado por judeus da Ásia, movidos por ciúme e ódio (v.27). Eles levantaram acusações falsas, afirmando que o apóstolo ensinava contra o povo, a Lei e o templo, chegando a acusá-lo de ter introduzido Trófico, um gentio, em área sagrada — algo que nunca ocorreu (vv.28,29). A acusação era irônica, pois Paulo estava justamente em rito de purificação. A verdade pouco importava à multidão inflamada, que o arrastou para fora do templo e tentou matá-lo (v.30).*

A prisão de Paulo no templo precisa ser compreendida a partir dos acontecimentos que marcaram sua viagem até Jerusalém. Depois de se despedir dos presbíteros de Éfeso, o apóstolo seguiu viagem consciente do sofrimento que o aguardava. Em Mileto, ele declarou que estava sendo “impelido pelo Espírito” e que, de cidade em cidade, o Espírito Santo lhe assegurava que prisões e sofrimentos o esperavam. Mesmo assim, Paulo não recuou, pois não considerava a própria vida preciosa, desde que completasse a carreira e o ministério que havia recebido do Senhor Jesus, que era testemunhar o Evangelho da graça de Deus (At 20.22-24).

Convém distinguir duas declarações feitas pelo apóstolo. Aos presbíteros de Éfeso, Paulo afirmou que não considerava sua vida preciosa para si mesmo. Mais tarde, em Cesareia, depois da profecia de Ágabo e dos apelos dos irmãos, declarou: **“Estou pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus”** (At 21.13). **As duas afirmações revelam a mesma convicção. Paulo sabia que o chamado de Cristo incluía sofrimento, mas entendia que terminar o ministério recebido era mais importante do que preservar a sua própria vida.**

O itinerário registrado no início do capítulo 21 mostra que Paulo não viajou sozinho nem permaneceu sem a assistência dos irmãos. Em Tiro, os discípulos ficaram com ele durante sete dias e, no momento da partida, homens, mulheres e crianças o acompanharam até a praia, onde todos oraram. Em Ptolemaida, Paulo saudou os irmãos. Em Cesareia, foi hospedado por Filipe, o evangelista, e recebeu a visita do profeta Ágabo. Depois, alguns discípulos seguiram com ele até Jerusalém, onde ficaria hospedado na casa de Mnason. Em cada etapa, Lucas registra a oração, a hospitalidade e o cuidado dos irmãos. Em meio à tensão da viagem, Deus cercou Paulo de pessoas que se preocuparam com ele e procuraram fortalecê-lo (At 21.1-16).

Ao chegar a Jerusalém, Paulo e seus companheiros foram recebidos com alegria. No dia seguinte, encontraram-se com Tiago, irmão do Senhor e um dos principais líderes da igreja, e com todos os presbíteros. Depois de saudá-los, Paulo contou detalhadamente o que Deus havia realizado entre os gentios por meio de seu ministério. A construção do relato é importante. Paulo havia trabalhado, pregado, viajado e sofrido, mas atribuiu a Deus os resultados de todo fruto que colheu.

Quando ouviram o relatório, Tiago e os presbíteros deram glória a Deus. Eles reconheceram que a conversão dos gentios era obra do Senhor e celebraram o que Deus havia realizado por meio de outro obreiro. **A reação daqueles presbíteros também revela uma visão do Reino que precisamos recuperar. Eles se alegraram por conversões ocorridas em cidades distantes e por um trabalho que não estava sob sua direção imediata. Da mesma forma, precisamos aprender a dar graças pelo que Deus realiza por meio de outros obreiros, igrejas e denominações. Quando a expansão do Evangelho nos incomoda porque não aconteceu dentro do nosso círculo denominacional, o problema não está no trabalho alheio, mas em nosso coração.**

Apesar da recepção alegre, havia uma situação que precisava ser resolvida imediatamente. **Milhares de judeus haviam crido em Cristo e continuavam zelosos da Lei. Eles receberam a informação de que Paulo ensinava os judeus que viviam entre os gentios a abandonar Moisés, deixar de circuncidar os filhos e rejeitar os costumes judaicos. Lucas não identifica quem iniciou esses rumores. Também não afirma que esses cristãos odiavam Paulo. O problema era a informação distorcida que havia chegado até eles.**

Paulo ensinava que a salvação vem pela graça, mediante a fé em Cristo, e rejeitava a imposição da circuncisão e da Lei aos gentios como condição para serem aceitos por Deus. Isso, porém, não significa que ele ordenasse aos judeus convertidos que abandonassem todos os costumes ligados a sua identidade cultural. **A acusação confundia a rejeição da Lei como meio de salvação com o desprezo pelos costumes judaicos. Por isso, Tiago e os presbíteros reafirmaram que as decisões tomadas anteriormente a respeito dos gentios permaneciam válidas (At 21.25).**

Para desfazer o rumor que estava se avultando, os líderes da igreja instruíram Paulo a acompanhar quatro homens que haviam feito um voto. Ele deveria participar da cerimônia de purificação e pagar as despesas para que raspassem a cabeça. O gesto demonstraria publicamente que a acusação não procedia e que Paulo não era inimigo da Lei. O apóstolo aceitou a orientação, purificou-se com aqueles homens e entrou no templo. **Sua participação não significava que a cerimônia contribuía para a salvação. Tratava-se de uma prática judaica que ele podia observar sem negar a suficiência da obra de Cristo.**

A atitude de Paulo mostra que sua experiência ministerial não o tornou resistente a receber conselhos. Ele ouviu Tiago e os presbíteros, homens que conheciam de perto a situação da igreja em Jerusalém. Ouvir pessoas sábias não nos livra de todas as dificuldades nem garante que os acontecimentos seguirão o curso desejado. Afinal, Paulo seria preso justamente durante o período de purificação. O bom conselho, contudo, impede que tomemos decisões precipitadas e nos ajuda a considerar aspectos que talvez não consigamos perceber sozinhos.

Paulo seguiu a direção recebida e entrou no templo para cumprir os dias da purificação. É nesse ponto que chegamos ao assunto deste subponto. Antes que o período de purificação terminasse, **judeus vindos da província da Ásia** o reconheceram, agitaram a multidão e levantaram contra ele novas acusações. O gesto destinado a desfazer um rumor seria seguido pela prisão que o Espírito Santo já havia anunciado que aconteceria.

John Stott explica que, após as três épicas viagens missionárias, Lucas descreve os cinco julgamentos enfrentados por Paulo. O primeiro foi diante de uma multidão de judeus na área do templo (capítulo 22); o segundo, diante do supremo conselho dos judeus em Jerusalém (capítulo 23); o terceiro e o quarto em Cesareia, diante de Félix e Festo (capítulos 24 e 25); e o quinto, também em Cesareia, diante do rei Herodes Agripa II (capítulo 26).²

Os judeus da Ásia acusaram Paulo de ensinar, por toda parte, contra o povo de Israel, contra a Lei e contra o templo. Acusações semelhantes haviam sido levantadas contra Estêvão (At 6.11-14). **A pregação da salvação em Cristo e a entrada dos gentios no povo de Deus foram interpretadas como desprezo por Israel e rejeição das coisas sagradas.** Paulo, porém, não combatia a revelação divina. Ele anunciava que a Lei e os Profetas apontavam para a obra salvadora cumprida em Jesus Cristo (Rm 3.21-26; 10.4).

² Lopes, Hernandes Dias. 2012. Atos: A Ação do Espírito Santo na Vida da Igreja. Organizado por Juan Carlos Martinez. 1ª edição. Comentários Expositivos Hagnos. São Paulo: Hagnos.

A acusação de profanação do templo surgiu de uma suposição. Os judeus haviam visto Trófimo, um cristão gentio de Éfeso, na companhia de Paulo em Jerusalém e concluíram que o apóstolo o introduzira na área reservada aos judeus (At 20.4; 21.29). **Lucas esclarece que eles apenas “pensavam” que isso tivesse acontecido. Paulo e Trófimo haviam sido vistos juntos na cidade, mas ninguém viu o efésio dentro da parte proibida do templo.**

A multidão aceitou a denúncia sem examinar os fatos. Toda a cidade se agitou, Paulo foi arrastado para fora do templo e as portas foram fechadas. Em seguida, tentaram matá-lo sem interrogatório ou julgamento (vv. 30,31).

Paulo não podia impedir a circulação das mentiras, mas podia manter uma consciência limpa diante de Deus. Sua presença no templo demonstrava respeito pelos irmãos judeus e disposição para preservar a unidade da igreja. **Diante de uma acusação falsa, o cristão deve examinar a sua própria conduta, esclarecer os fatos quando tiver oportunidade e recusar a vingança. Sua responsabilidade é continuar obedecendo a Deus e entregar ao Senhor o julgamento de seus acusadores (1Pe 2.12,23; 3.16).**

1.2 A divisão do templo em Jerusalém.

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

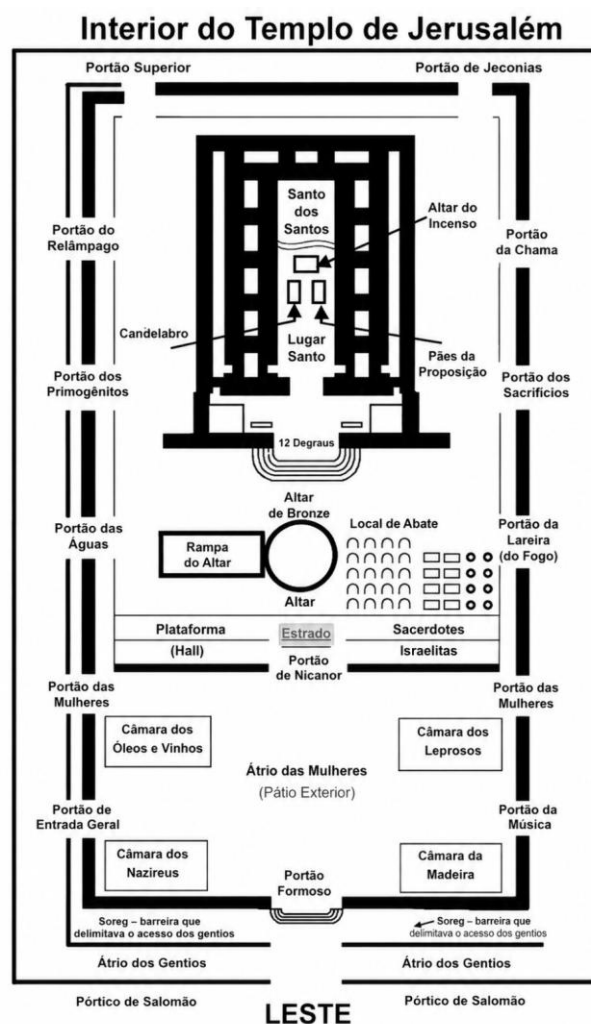
Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *O segundo templo possuía átrios bem definidos: o átrio dos gentios, aberto a todos (Mt 21.12,13); o átrio das mulheres (Lc 21.1-4); o átrio de Israel, exclusivo aos homens judeus; e o átrio dos sacerdotes. Uma barreira separava os gentios das áreas internas, com avisos severos de morte aos que a transgredissem. Essa estrutura explica a gravidade da acusação contra Paulo (At 21.28) e revela o quanto a pureza do templo despertava emoções intensas entre os judeus.*

A acusação de profanação levantada contra Paulo só pode ser bem compreendida quando observamos a organização do templo de Jerusalém. O edifício existente naquele período era o segundo templo, reconstruído depois do exílio babilônico e amplamente reformado por Herodes, o Grande. Seus espaços possuíam diferentes níveis de acesso, conforme os graus de santidade estabelecidos pelo culto judaico.

Na parte mais externa ficava o Átrio dos Gentios, onde judeus e não judeus podiam entrar. Foi provavelmente nesse espaço que Jesus expulsou os vendedores e reafirmou que o templo deveria ser “casa de oração” (Mt 21.12,13). Uma barreira de pedra chamada *soreg* separava esse átrio das áreas internas e marcava o limite que nenhum gentio poderia ultrapassar.

Após o *soreg* ficava o Átrio das Mulheres, acessível a homens e mulheres judeus cerimonialmente puros. Depois vinha o Átrio de Israel, reservado aos homens judeus. Mais



adiante estava o Átrio dos Sacerdotes, onde eram oferecidos os sacrifícios. No centro do complexo encontrava-se o santuário, formado pelo Lugar Santo e pelo Santo dos Santos. **A disposição desses espaços restringia o acesso conforme a identidade e a função religiosa de cada pessoa.**

A existência do *soreg* foi confirmada pela descoberta de inscrições gregas do período herodiano. Os avisos declaravam que o estrangeiro que ultrapassasse aquele limite seria responsável pela morte resultante de sua transgressão. Portanto, a proibição era verdadeira e a pena era severa. As inscrições confirmam a descrição de Josefo e esclarecem a gravidade da denúncia feita contra Paulo (At 21.28,29).

Com base nessa organização, os acusadores afirmaram que Paulo havia conduzido Trófimo para além da barreira e profanado uma área reservada aos judeus. Lucas, contudo, esclarece que eles apenas tinham visto Trófimo na companhia de Paulo pela cidade e concluíram que também havia entrado no templo. A denúncia provocou uma reação violenta porque tratava de uma transgressão grave, embora ninguém tivesse visto Paulo cometê-la.

Um gentio que visitasse o templo poderia permanecer no pátio externo, mas não atravessar a barreira de pedra em direção aos átrios reservados aos judeus. Considerando essa estrutura, muitos intérpretes entendem que Paulo pode ter aludido a ela quando escreveu aos efésios: **“De dois povos ele fez um só e, na sua carne, derrubou a parede de separação que estava no meio, a inimizade”** (Ef 2.14). A relação com a barreira do templo é possível, mas não pode ser comprovada, pois o próprio apóstolo identifica a parede com a inimizade que separava judeus e gentios.

Nos versículos seguintes, Paulo explica que Cristo desfez essa inimizade por meio da cruz, reconciliou os dois povos com Deus em um só corpo e criou “uma nova humanidade” (Ef 2.15,16). O judeu não se aproxima de Deus por causa de sua origem, e o gentio não permanece afastado por ser incircunciso. Por meio de Cristo, ambos têm acesso ao Pai em um só Espírito (Ef 2.18). A igreja contradiz o Evangelho quando usa diferenças étnicas ou costumes humanos para manter afastadas pessoas que Cristo recebeu.

1.3 A intervenção das autoridades romanas (At 21.31-36).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Diante do tumulto, o tribuno romano Cláudio Lísias mobilizou soldados da fortaleza Antônia e interveio prontamente. Paulo foi preso e acorrentado a dois soldados, cumprindo a profecia de Ágabo (At 21.11). A multidão clamava por sua morte, repetindo o mesmo ódio dirigido a Jesus (Lc 23.18; Jo 19.15). Contudo, Deus preservou a vida do apóstolo por meio da autoridade civil, mostrando que a soberania divina atua mesmo em contextos hostis.*

Enquanto a multidão tentava matar Paulo, a notícia do tumulto chegou ao comandante das tropas romanas, identificado mais tarde como Cláudio Lísias (At 23.26). O quartel da guarnição, geralmente identificado com a fortaleza Antônia, ficava a noroeste do templo, em posição elevada, e possuía escadarias que davam acesso ao pátio externo. De lá, os soldados podiam vigiar o movimento no complexo e intervir rapidamente em qualquer desordem social.

Lísias comandava uma coorte, unidade militar cujo efetivo nominal podia aproximar-se de mil homens, embora o número real variasse. Lucas não afirma que todo o contingente participou da operação.

O comandante desceu acompanhado de soldados e centuriões, uma força suficiente para interromper o espancamento de Paulo e dispersar os agressores (At 21.31,32).

Ao chegar ao local, Lísias ordenou que Paulo fosse preso com duas correntes. É possível que o apóstolo tenha sido algemado entre dois soldados, como ocorrera anteriormente com Pedro, mas Lucas não fornece esse detalhe (At 12.6). Sem saber quem Paulo era nem o que havia feito, o comandante o deteve como provável envolvido no tumulto e tentou descobrir a razão de tamanha violência.

A investigação inicial não produziu qualquer acusação coerente. Alguns gritavam uma coisa, outros gritavam outra, e o barulho impedia Lísias de apurar os fatos. A multidão queria a morte de Paulo, mas não conseguia explicar de maneira clara qual crime ele havia cometido. Por isso, o comandante ordenou que o prisioneiro fosse conduzido para dentro da fortaleza (At 21.33,34).

A prisão de Paulo cumpriu, em sua essência, a advertência feita por Ágabo. O profeta havia anunciado que os judeus entregariam o dono daquele cinto nas mãos dos gentios (At 21.10,11). No desenrolar dos acontecimentos, os romanos colocaram as correntes, mas foi a hostilidade dos judeus que levou Paulo à custódia gentílica.

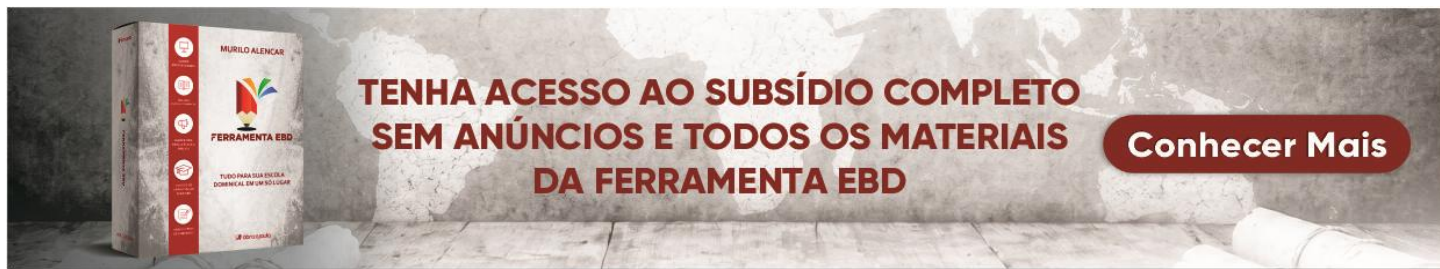
A intervenção de Lísias faz parte de um tema recorrente em Atos. Lucas não apresenta o governo romano como justo em todas as ocasiões, pois também registra abusos cometidos por seus representantes (At 16.22-24). Mesmo assim, várias autoridades reconheceram que a pregação cristã não constituía crime contra o Estado. Gálio rejeitou a acusação levantada em Corinto, o escrivão de Éfeso declarou que Paulo e seus companheiros não haviam cometido sacrilégio, e o próprio Lísias concluiu que o apóstolo não fizera nada que justificasse morte ou prisão. Mais tarde, Festo, Agripa e Berenice chegaram à mesma conclusão (At 18.12-17; 19.35-41; 23.29; 25.25; 26.31,32).

Quando os soldados conduziram Paulo pelas escadas da fortaleza, a multidão os seguiu gritando: “Mate-o!” (At 21.36). No texto grego, o clamor repete o mesmo imperativo empregado contra Jesus diante de Pilatos, traduzido na NAA como: “Fora com este!” (Lc 23.18). A semelhança não coloca o sofrimento de Paulo no mesmo nível da morte redentora de Cristo. Ela mostra que o discípulo estava enfrentando a rejeição que seu Senhor havia enfrentado antes dele.

Diante desses fatos, aprendemos três lições. Em primeiro lugar, Paulo não esperou que todos os seus problemas fossem resolvidos para continuar obedecendo a Deus e cumprindo o chamado que havia recebido. Em segundo lugar, aproveitou as oportunidades abertas durante a prisão para testemunhar diante de soldados, autoridades e governantes. Em terceiro lugar, a prisão não anulou a palavra do Senhor, pois Cristo já havia determinado que seu testemunho chegaria a Roma. Quando nossos planos forem interrompidos, ainda poderemos servir a Deus com os recursos e as oportunidades que estiverem ao nosso alcance.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 1):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



2. A OPORTUNIDADE PARA TESTEMUNHAR

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

2.1 Paulo pede licença para falar ao povo (At 21.37-40).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Mesmo algemado e cercado por hostilidade, Paulo demonstra equilíbrio espiritual e lucidez missionária. Em vez de se entregar ao desespero, pede licença ao tribuno para falar ao povo, transformando a prisão em oportunidade de testemunho. Ao dirigir-se ao comandante em grego — língua franca do mundo antigo — surpreende-o, desfazendo a falsa imagem de um agitador ignorante (At 21.37).*

Quando Paulo estava prestes a ser conduzido para dentro da fortaleza Antônia, dirigiu-se ao comandante com um pedido bem cortês: **“Seria possível dizer algo para o senhor?”** (At 21.37). A construção grega expressa respeito e um pedido de permissão. Lucas não descreve o grau de fluência de Paulo na língua grega, mas registra a surpresa de Lísias ao ouvi-lo falar. A fala do prisioneiro não correspondia à imagem que o comandante havia formado daquele homem envolvido num tumulto e tratado como perigoso agitador.

A pergunta de Lísias revela o equívoco de suas percepções e julgamentos quanto a Paulo: **“Você não é, por acaso, aquele egípcio que algum tempo atrás começou uma revolta e levou quatro mil guerrilheiros para o deserto?”** (v.38). O comandante conhecia os movimentos de agitação ocorridos durante o governo de Félix e provavelmente interpretou o tumulto no templo a partir desse histórico. Como o líder egípcio havia escapado da repressão romana, Lísias imaginou que ele pudesse ter reaparecido em Jerusalém.

Flávio Josefo também registra a atuação desse egípcio, que se apresentou como profeta e conduziu seus seguidores ao monte das Oliveiras. Ele prometeu que as muralhas de Jerusalém cairiam ao seu comando e permitiriam a entrada na cidade. Félix reagiu com tropas de infantaria e cavalaria, matou quatrocentos seguidores, prendeu duzentos e dispersou os demais, enquanto o egípcio conseguiu fugir. Em *Guerra Judaica*, Josefo menciona cerca de trinta mil seguidores; Lucas registra quatro mil guerrilheiros. A diferença pode decorrer dos critérios de contagem, de momentos distintos da revolta ou de exagero numérico. Nenhuma dessas explicações pode ser demonstrada com certeza. Os dois relatos, contudo, concordam sobre o acontecimento principal. O egípcio promoveu uma revolta, foi derrotado pelos romanos e escapou.

Os homens chamados por Lucas de *sicários* recebiam esse nome por causa da *sica*, uma pequena adaga escondida sob as roupas. Eles se misturavam entre as multidões, sobretudo durante as festas, atacavam seus

adversários e desapareciam entre os peregrinos. A suspeita de Lísias explica por que Paulo foi tratado como um perigoso revolucionário antes que sua identidade e a causa do tumulto fossem esclarecidas.

Paulo respondeu com informações breves e verificáveis: **“Eu sou judeu, natural de Tarso, uma importante cidade da Cilícia”** (v.39). Nesse momento, ele se referia a sua condição de cidadão de Tarso, não a sua cidadania romana, que seria mencionada posteriormente (At 22.25-29). A resposta desfez a associação com o egípcio e mostrou que Lísias havia prendido um homem de origem conhecida.

Depois de esclarecer quem era, Paulo pediu permissão para falar ao povo. Lucas não informa por que Lísias concordou. Talvez o comandante tenha sido impressionado pela serenidade do prisioneiro ou esperado que o discurso esclarecesse a causa do tumulto. Recebida a autorização, Paulo permaneceu em pé na escadaria e fez sinal com a mão até que a multidão se calasse (v.40). **Em vez de limitar-se a protestar contra a prisão, ele aproveitou a oportunidade para contar o que Jesus Cristo havia realizado em sua vida.** O cristão pode contestar uma acusação sem insultar seus acusadores e tratar a autoridade com respeito sem renunciar aos seus direitos.

2.2 O uso da língua hebraica para ganhar atenção (At 22.1,2).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

ALIÇÃO DIZ: *Ao iniciar sua defesa, Paulo fala em hebraico — mais especificamente o aramaico, língua profundamente valorizada pelos judeus da Palestina. Esse gesto estabelece imediata conexão cultural e identidade com os ouvintes, levando a multidão a guardar maior silêncio (At 22.2).*

As primeiras palavras de Paulo são absolutamente impressionantes: **“Irmãos e pais, escutem agora o que tenho a dizer em minha defesa”** (At 22.1). Pouco antes, aquela multidão o havia acusado injustamente, espancado e pedido sua morte. Paulo, porém, não chamou aquelas pessoas de assassinas, inimigas ou fanáticas. O termo **“irmãos”** reafirmava sua ligação com o povo judeu, enquanto **“pais”** expressava respeito pelos homens mais velhos e pelas figuras de autoridade presentes.

Paulo se recusou a responder com a mesma hostilidade que havia recebido. Jesus ordenou aos discípulos que amassem seus inimigos, orassem por seus perseguidores e fizessem o bem aos que os odiassem (Mt 5.44; Lc 6.27,28). **Paulo agiu conforme esse ensino ao tratar como irmãos aqueles que acabavam de tratá-lo como inimigo. Em outras ocasiões, declarou que sentia grande tristeza por Israel e desejava sinceramente a salvação de seus compatriotas** (Rm 9.1-3; 10.1).

O pedido para que ouvissem sua **“defesa”** confere ao discurso um caráter formal. O substantivo grego *apología* designava uma resposta apresentada diante de uma acusação, e palavras da mesma família aparecem nas defesas posteriores de Paulo (At 24.10; 25.8,16; 26.1,2). Naquele momento, ele não falava principalmente ao comandante romano, mas ao próprio povo. Também não se concentrou na acusação de haver introduzido Trófico numa área proibida do templo. **Sua defesa responderia à afirmação mais ampla de que havia abandonado Israel, a Lei e o templo. Para isso, Paulo apresentaria sua formação judaica e mostraria que sua fé em Jesus e sua missão entre os gentios procediam de uma revelação divina.**

A escolha do idioma reforçou sua identificação com os ouvintes. Lucas afirma que Paulo falou no “dialetos hebraico”, expressão que muitos intérpretes entendem como referência ao aramaico, embora alguns defendam que se tratava do hebraico. O aramaico era amplamente usado pelos judeus da Palestina, e seu emprego mostrava que

Paulo conhecia a língua e a vida de seu povo. Ao ouvirem um judeu da diáspora dirigir-se a eles naquele idioma, os presentes fizeram ainda mais silêncio.

O início da defesa de Paulo nos ensina pelo menos dois princípios. Em primeiro lugar, o cristão não pode usar a injustiça sofrida para insultar, humilhar ou vingar-se de quem o ofendeu. Em segundo lugar, amar os inimigos significa desejar que também eles conheçam a salvação em Cristo.

2.3 Coragem para testemunhar em meio à hostilidade (At 22.3-5).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Diante da multidão enfurecida, Paulo narra com coragem sua história: formação judaica, zelo religioso e perseguição à Igreja. Ele não suaviza o passado nem esconde o chamado recebido, mesmo sabendo que mencionar sua missão entre os gentios provocaria nova reação violenta (At 22.21,22).*

A formação judaica e o passado violento de Paulo serão examinados no próximo ponto. Aqui importa compreender a função desses fatos em sua defesa. **O apóstolo conhecia, por experiência própria, o zelo que movia aquela multidão. Antes de encontrar Cristo, havia perseguido os cristãos de forma ainda mais sistemática. “Respirando ameaças e morte”, atacara os discípulos em Jerusalém e obtivera autorização para prendê-los também em Damasco (At 9.1,2). Por isso, quando declarou que fora zeloso para com Deus, “assim como todos vocês o são no dia de hoje” (At 22.3), Paulo reconheceu naqueles homens aquilo que ele mesmo havia sido.**

A lembrança de seu passado ajuda a explicar a maneira como Paulo tratou seus perseguidores. **Sua própria história provava que alguém pode julgar estar defendendo a honra de Deus enquanto luta contra a verdade. Ele também estivera preso aos próprios conceitos, dominado por um zelo sem entendimento e incapaz de reconhecer a ação de Deus em Cristo. A consciência desse passado não diminuía a culpa da multidão, mas impedia Paulo de tratá-la com desprezo. Ele conhecia aquela cegueira e sabia que a graça de Cristo também poderia alcançar seus compatriotas.**

Diante desses fatos, aprendemos duas lições. Em primeiro lugar, quem foi alcançado pela graça deve tratar seus opositores com misericórdia, pois Paulo reconhecia no zelo daqueles homens o mesmo engano que antes havia governado sua vida. Em segundo lugar, o perigo real de morte não o impediu de aproveitar a oportunidade para testemunhar de Cristo.

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 2):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



3. O PODER DO TESTEMUNHO PESSOAL

Pergunta chave: Seja assinante e desbloqueie a pergunta chave apertando [aqui](#)

Ideia central do ponto: Seja assinante e desbloqueie a ideia central do ponto apertando [aqui](#)

3.1 A vida de Paulo antes da conversão (At 22.3-5).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *Paulo inicia seu testemunho lembrando quem era antes de encontrar Cristo. Judeu zeloso, formado em Jerusalém aos pés de Gamaliel, um dos mestres mais respeitados do judaísmo (At 5.34), ele fora instruído rigorosamente na Lei de seus pais. Diante dos judeus, apresenta-se como alguém irrepreensível quanto ao zelo religioso (Fp 3.4-6), embora esse zelo estivesse equivocado por carecer de verdadeiro conhecimento espiritual (Rm 10.2). Seu passado inclui a perseguição violenta à Igreja, a quem combatia “até à morte” (At 9.2).*

Paulo reunia tudo o que um judeu valorizava em matéria de formação religiosa. Conhecia a Lei, fora criado em Jerusalém e aprendera com Gamaliel, um dos mestres mais respeitados de seu tempo. Todavia, nenhuma dessas credenciais lhe deu o conhecimento salvador de Cristo. Sua convicção religiosa acabou conduzindo-o contra a Igreja. Ele aprovou a morte de Estêvão, guardou as roupas dos que o apedrejavam e perseguiu homens e mulheres por causa da fé. Paulo não agia por hipocrisia nem escondia algum interesse pessoal. Estava convencido de que servia a Deus. Seu caso mostra que alguém pode agir com sinceridade e, ainda assim, cometer uma grave injustiça.

O autoengano religioso é difícil de reconhecer porque pode vir acompanhado de ações piedosas como oração, disciplina, sacrifício e fervor. **Jesus advertiu que alguns perseguiriam e matariam seus discípulos supondo prestar culto a Deus (Jo 16.2).** Portanto, a intensidade de uma convicção não comprova sua verdade. A consciência também não é infalível, pois julga de acordo com aquilo que aprendeu e aceitou como certo. Quando formada pelo erro, pode condenar o inocente e aprovar o pecado. Por isso, nossas convicções precisam ser examinadas pelas Escrituras.

A mesma advertência é bem atual e alcança a vida religiosa de nosso tempo. Práticas do catolicismo romano, como a veneração de imagens, a invocação de Maria e dos santos e as orações pelos mortos, não se tornam corretas por causa da sinceridade de seus praticantes. O mesmo critério deve ser aplicado às seitas e aos costumes evangélicos que não encontram fundamento nas Escrituras. A história de Paulo não nos autoriza somente a examinar os erros alheios. Ela exige que igrejas, líderes e crentes submetam suas crenças e práticas à Palavra de Deus.

3.2 O encontro com Cristo no caminho de Damasco (At 22.6-11).

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A narrativa avança para o ponto decisivo de sua vida: o encontro pessoal com o Cristo ressurreto. Ao meio-dia, uma luz vinda do céu o envolve, lança-o por terra e revela Jesus como o Senhor (At 9.3-6; 26.13-15). A experiência transforma radicalmente sua trajetória.*

Paulo partiu para Damasco certo do que faria. Levava cartas do sumo sacerdote e pretendia prender os discípulos de Jesus e trazê-los a Jerusalém. Não estava à procura de outra fé nem revendo suas convicções. Foi Cristo quem interrompeu seus planos. **Por volta do meio-dia, uma luz vinda do céu, mais intensa que o sol, brilhou ao seu redor e o lançou por terra** (At 22.6,7; 26.13).

A voz revelou a gravidade de seu pecado: **“Saulo, Saulo, por que você me persegue?”** (At 22.7). Ao atacar os discípulos, Paulo perseguia o próprio Cristo. **A Igreja está de tal modo unida ao seu Senhor que a violência dirigida contra ela é recebida por Ele.** Quando Paulo perguntou quem falava, ouviu: **“Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem você persegue”** (v. 8). Aquele que ele julgava morto estava vivo, glorificado e falando do céu.

Duas perguntas registram a mudança iniciada naquele encontro. Primeiro, Paulo perguntou: **“Quem é o senhor?”** Depois, reconhecendo quem lhe falava, perguntou: **“O que devo fazer, Senhor?”** (vv. 8,10). **O homem que partira dando ordens agora esperava as ordens de Cristo. Entrou em Damasco, mas conduzido pela mão. Pretendia levar cristãos presos a Jerusalém; chegou à cidade cego e dependente de seus companheiros** (v. 11).

A mudança em sua vida logo se tornou visível. Ananias chamou o antigo perseguidor de “irmão Saulo” (At 22.13). Paulo foi acolhido entre aqueles que pretendia prender e, pouco depois, passou a anunciar que Jesus é o Filho de Deus. Por causa dessa mensagem, tornou-se alvo da perseguição que antes promovia (At 9.20-25). Sua conversão foi mais profunda que uma mudança de comportamento. Paulo recebeu o Senhor como seu único e suficiente salvador e passou a viver para anunciar aquele que antes combatia.

Uma antiga narrativa atribuída a Agostinho de Hipona ilustra essa mudança. Conta-se que, depois de abandonar sua antiga vida, ele encontrou uma mulher com quem havia se relacionado. Ao perceber que Agostinho se afastava, ela o seguiu e gritou: “Agostinho, sou eu!” Ele respondeu: “Mas eu já não sou eu.” Embora o episódio não esteja historicamente comprovado, a resposta expressa a transformação produzida por Cristo. Paulo descreveu essa realidade ao declarar: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gl 2.20).

Não nos cabe declarar que alguém está fora do alcance da graça. Cristo encontrou Paulo quando ele seguia para prender cristãos, no auge de sua oposição à Igreja. Diante dos que hoje resistem ao Evangelho, devemos continuar orando por eles e anunciando-lhes a verdade. O mesmo Jesus que deteve Paulo no caminho de Damasco ainda confronta pecadores, vence sua resistência e muda a direção de suas vidas.

3.3 Sua missão como servo e testemunha de Cristo (At 22.12-29)

Verdade central: Seja assinante e desbloqueie a verdade central apertando [aqui](#)

Para refletir: Seja assinante e desbloqueie o para refletir apertando [aqui](#)

A LIÇÃO DIZ: *A conversão de Paulo veio acompanhada de chamado e missão. Por meio de Ananias — homem piedoso e respeitado entre os judeus (At 9.10-17) — Paulo recebe confirmação divina para ser testemunha de Cristo, especialmente entre os gentios (At 9.15).*

Na continuação do relato, Paulo fez questão de apresentar Ananias como **“homem piedoso conforme a Lei, tendo bom testemunho de todos os judeus”** de Damasco (At 22.12). Ele também era discípulo de Jesus (At 9.10). Para aquela multidão, o detalhe tinha grande importância. **A confirmação do chamado de Paulo viera de um judeu respeitado, cuja fé em Cristo não o havia transformado em inimigo das Escrituras nem do povo de Israel.**

Por meio de Ananias, Paulo soube quem o havia chamado e para qual missão: **“O Deus de nossos pais escolheu você para conhecer a vontade dele, ver o Justo e ouvir uma voz da própria boca dele”** (At 22.14). Antes de enviá-lo para falar, Deus o fez conhecer sua vontade, ver o Cristo ressuscitado e ouvir sua voz. Paulo seria testemunha diante de todos daquilo que havia visto e ouvido (v. 15). Portanto, ele deveria anunciar fielmente o que recebera de Cristo.

Ainda restava explicar por que Paulo anunciava o Evangelho aos gentios. Ao retornar a Jerusalém, ele estava orando no templo quando recebeu de Cristo a ordem para deixar a cidade e ir **“para longe, aos gentios”** (At 22.17-21). Paulo julgava que seu passado de perseguidor daria credibilidade ao testemunho entre os judeus. **O Senhor, porém, havia determinado outro campo para seu ministério.**

A multidão ouviu Paulo até que ele mencionou seu envio aos gentios. Naquele momento, os gritos recomeçaram e voltaram a pedir sua morte (v. 22). **A rejeição dos ouvintes não lhe permitia alterar a ordem recebida. Paulo não escolhera os destinatários de sua missão e também não podia restringir a graça de Deus ao povo judeu. Cabia-lhe obedecer àquele que o enviara.**

Paulo sabia exatamente para que havia sido chamado. Cristo o enviara aos gentios, e foi a esse ministério que ele dedicou a vida. Nem a rejeição dos judeus nem as prisões o levaram a procurar uma tarefa mais fácil ou um lugar de maior aceitação. **Muitas vezes, Deus nos confia um serviço, mas continuamos de olho na função de outro, no cargo que ainda não temos ou no espaço que julgamos merecer. Enquanto desejamos o que não nos foi dado, descuidamos do que Deus já colocou em nossas mãos. Precisamos aprender com Paulo a permanecer fiéis ao chamado recebido. A vontade de Deus, e não nossas preferências, deve dar direção à nossa vida.**

Verifique o aprendizado de seu aluno (ponto 3):

Seja assinante e desbloqueie o verifique o aprendizado do seu aluno apertando [aqui](#)



CONCLUSÃO

Agradecemos a Deus pela oportunidade de concluirmos mais uma pré-aula. Nesta lição, aprendemos que Paulo, embora acusado injustamente, espancado e preso, não perdeu de vista o chamado que recebera do Senhor. Diante de seus perseguidores, falou com amor e respeito, contou o que Cristo havia feito em sua vida e não se afastou da chamada que recebeu de anunciar o Evangelho. Que seu exemplo nos ensine a não descuidar do serviço que Deus colocou em nossas mãos por desejarmos outras funções que pareçam mais atraentes. Precisamos cumprir com fidelidade aquilo que o Senhor confiou a cada um de nós. Esperamos você na próxima pré-aula, em nome de Jesus. Deus abençoe. Amém.

ABRA JAULA

REFERÊNCIAS

- GARLAND, David E. **Comentário expositivo Atos**. 1. ed. São Paulo: Vida Nova, 2019.
- STOTT, John. **A mensagem de Atos**. São Paulo: ABU Editora, 1994.
- PEARLMAN, Myer. **Atos: estudo do livro de Atos e o crescimento da Igreja Primitiva**. Tradução: Gordon Chown. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- WILLIAMS, David J. **Atos**. Tradução: Oswaldo Ramos. São Paulo: Editora Vida, 1996. (Novo Comentário Bíblico Contemporâneo).
- KEENER, Craig S. **Comentário histórico-cultural da Bíblia: Novo Testamento**. Tradução: José Gabriel Said. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (Org.). **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Tradução: C. E. S. Lopes, F. Medeiros, R. Malkomes e V. Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2014.
- KEENER, Craig S. **Comentário Exegético Atos**. Rio de Janeiro: CPAD, 2024. 4 v.
- LONGENECKER, Richard N. Acts. In: LONGMAN III, Tremper; GARLAND, David E. (Ed.). **The expositor's Bible commentary**. Rev. ed. Grand Rapids: Zondervan, 2007.
- FERNANDO, Ajith. **Acts**. Grand Rapids: Zondervan, 1998. (The NIV Application Commentary).
- POLHILL, John B. **Acts**. Nashville: Broadman & Holman, 1992. (The New American Commentary, v. 26).
- LOPES, Hernandes Dias. **Gálatas: A Carta da Liberdade Cristã**. São Paulo, SP: Hagnos, 2011.